

A INTERNET COMO FACTOR DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL E DAS RELAÇÕES DE PODER

*José Carlos L. Martins*¹

Tenente-Coronel de Infantaria

*Paulo Viegas Nunes*²

Tenente-Coronel de Transmissões (Eng.º)

RESUMO

A Internet como factor de transformação social e das relações de poder, incide em várias áreas da sociedade provocando mudanças que se procuram reflectir neste artigo, cujo objectivo principal é analisar algumas das alterações que a Internet introduziu na sociedade, nas empresas, no indivíduo e no Estado, procurando reflectir simultaneamente as mudanças operadas na Internet pelos mesmos elementos.

A Internet, constitui actualmente a base tecnológica que sustenta a estrutura organizacional que caracteriza a Era da Informação: a Rede. Por seu turno, a conectividade em rede tornou-se a alavanca de transição para uma nova forma de sociedade. A sociedade em rede, derrubou fronteiras e gerou uma nova economia, afirmando-se simultaneamente como um meio de comunicação global, de muitos para muitos, onde a comunicação pode ser realizada de forma síncrona ou assíncrona.

Este artigo, permite lançar alguns pontos de reflexão, numa perspectiva integradora e global, em oposição a uma visão tradicionalmente mais tecnológica, permitindo desta forma fomentar a discussão deste tema emergente de notório interesse e actualidade.

Palavras – Chave: Internet, Sociedade em Rede e Guerra de Informação.

¹ É Professor da unidade curricular de Introdução à Programação na Academia Militar e Professor da Pós-Graduação em Guerra de Informação/Competitive Intelligence. É Licenciado em Engenharia Informática.

² Coordenador científico e Professor da Pós-Graduação em Guerra de Informação/Competitive Intelligence. É Membro efectivo do Centro de Investigação da Academia Militar - CINAMIL. É Mestre em Engenharia Electrotécnica e Computadores.

INTRODUÇÃO

A Internet é o suporte tecnológico da sociedade em rede, permitindo gerir toda a informação que circula na rede e respectivos nós, com base numa tecnologia flexível e redundante.

O desenvolvimento tecnológico e a alteração dos princípios fundamentais de geração da riqueza e do poder dos Estados provocou uma transformação social profunda onde a sociedade industrial deu lugar à sociedade em rede. No entanto não foi a tecnologia que determinou *per si* o nascimento e o desenvolvimento da sociedade em rede, antes se poderá considerar que ela assumiu um papel de facilitador (Cardoso *et al*, 2005).

Ainda que a Internet não seja o ciberespaço³, está nele contida. Para efeito deste artigo, utiliza-se o termo com significado equivalente pois constitui o seu suporte tecnológico.

Na essência, existe uma ligação estreita entre a Internet e a sociedade em rede, evoluindo ambas de forma integrada e interdependente.

Como factor de transformação social, a Internet constitui uma forma normalizada de interacção global e um elemento estruturante da sociedade em rede, modificando-a. Constitui um novo *media* para o qual todos os outros parecem convergir, provocando significativas alterações nos equilíbrios e na própria projecção de poder em virtude do aparecimento de novas formas de conflitualidade suportadas na utilização da Internet nomeadamente pelos fenómenos de ciberterrorismo, cibercriminalidade e fundamentalmente da actual “guerra informática”.

Neste campo de batalha virtual com fronteiras virtuais, fica cada vez mais fragilizado o Estado como principal actor das relações internacionais, sendo urgente criar novos conceitos, novas armas, novas organizações e, conseqüentemente, novos perfis de competências dos seus recursos humanos, para garantir a segurança do Estado.

A sociedade em rede, baseada na plataforma das tecnologias de informação e comunicação, afecta essencialmente a economia, as empresas, o território, o

³ Segundo a definição da UNESCO, o ciberespaço é “um novo ambiente humano e tecnológico de expressão, informação e transacções económicas. Constituído por pessoas de todos os países, de todas as culturas e línguas, de todas as idades e profissões fornecendo e solicitando informação através de uma rede mundial de computadores interligada pela infra-estrutura de telecomunicações que permite à informação em trânsito ser processada e transmitida digitalmente”.

mundo das comunicações e as esferas do poder, surgindo uma sociedade em rede feita da formação de redes de poder, riqueza, gestão e comunicação.

O artigo encontra-se dividido em quatro capítulos, reflectindo uma abordagem onde se procurou privilegiar a simplicidade dos conceitos e promover a sua integração. No primeiro capítulo, pretende-se estabelecer a ligação entre Internet e comunicação, definindo-se posteriormente esta como um novo *media* (multimédia, agregando diversos media). No segundo capítulo, procuramos enquadrar a Internet na actual sociedade em rede e enunciar as principais transformações sociais provocadas pela difusão da Internet. O terceiro capítulo, aborda a guerra de informação, a cibercriminalidade, o ciberterrorismo, o comércio electrónico e a utilização da Internet em *Competitive Intelligence*. Como corolário, serão apresentadas as conclusões.

1. INTERNET VS. COMUNICAÇÃO

A Internet é no essencial uma rede mundial de computadores (clientes e servidores), em que o seu modelo heterogéneo assume que existe um grande número de redes independentes, possivelmente utilizando tecnologias diferentes e interligadas entre si.

Um utilizador deverá poder aceder de forma transparente a recursos em qualquer dessas redes. Para tal, os pacotes que contêm a informação do utilizador, passam normalmente por uma série de redes, em trânsito até ao destino.

Este capítulo, pretende transmitir como funciona genericamente a Internet e efectuar o seu enquadramento histórico e das diferentes formas de comunicação, estabelecendo uma ligação entre ambas, porque na essência a Internet suporta um processo de comunicação.

1.1 Breve História da Internet

A Internet surgiu em 1969 como um projecto do governo dos Estados Unidos, lançado pela *Advanced Research Projects Agency* (ARPA), pertencente ao Departamento de Defesa. Tinha então a designação de *ARPANET* e o seu objectivo era fazer com que o número limitado de computadores que integram essa rede trocassem informação sobre projectos de investigação (principalmente de índole militar). Sendo projectada para operar sem controlo centralizado, esta rede interligava os principais sistemas

de computadores pertencentes a cerca de uma dezena de universidades financiadas pela ARPA e por instituições de Investigação e Desenvolvimento.

Se uma parte da rede falhasse, as partes funcionais restantes ainda teriam a capacidade para encaminhar os pacotes dos remetentes aos restantes destinatários, através de destinos alternativos. Pouco tempo depois do seu aparecimento, o engenho humano e a globalização levaram ao seu crescimento vertiginoso, tornando-se uma fonte de informação e a primeira forma de interacção para as pessoas de todo o mundo.

Os dados/informação encontram-se em servidores de vários tipos, principalmente: *WEB (World Wide Web)*, *FTP (File Transfer Protocol)*, *E-Mail*, sendo estes acedidos através de endereços de internet (*IP-Internet Protocol*).

Nesta história, o capítulo que melhor conhecemos é a *WEB* e que muitos julgam ser o sinónimo da Internet. Tecnicamente falando, a *WEB* é a parte da Internet que utiliza o *Hypertext Transfer Protocol* (conhecido como *http*), normalmente designado por hipertexto e que constitui a parte mais extensa da Internet.

Para aceder à *WEB* é necessário um *browser*, podendo este ser imaginado como um centro de entretenimento, onde através dele podemos ouvir rádio, reproduzir música, ver vídeos, televisão e consultar bibliotecas de todo o mundo, a partir do computador onde se poderá ter acesso a toda esta informação.

Para explorar ao máximo todas as oportunidades de interacção pessoal virtual na Internet, existem outras formas de comunicação, como é o caso dos: *Chat Rooms*, *jogos On-Line*, *Newsletters*, *Newsgroups*, etc.

Na Internet, a comunicação estrutura-se com base nos seguintes elementos: emissor (ex. browser), receptor (ex. servidores), canal (ex. cablagem física), a mensagem (ex. e-mail), o feedback (resposta ao pedido, síncrona ou assíncrona) e o ruído (ex. vírus).

A arquitectura de comunicações em que a Internet opera é baseada fundamentalmente em três princípios: uma estrutura em rede, uma capacidade de ligação distribuída entre os diversos nós e uma redundância de funções na rede. Estes princípios, decorrem essencialmente dos requisitos militares de sobrevivência, flexibilidade e ausência de um centro de comando, onde é atribuída a autonomia a cada nó (*Castells, 2004*).

1.2 Comunicação e Internet

Para estabelecer a ligação conceptual entre Comunicação e Internet, definindo esta como um novo *media*, importa clarificar alguns aspectos associados ao processo de comunicação.

Segundo *Santos (2001)*, comunicar significa essencialmente “transmitir sentidos, casuais ou intencionais, de um ponto para o outro, como mecanismo através do qual existem e se desenvolvem as relações humanas”.

Com a evolução técnica, surgiram ao longo do tempo, novos meios de difusão de informação e de comunicação de massas (rádio, televisão, internet). Neste contexto, uma questão surge sempre que um novo *media* se “apresenta” perante a sociedade e ao longo do tempo com maior ou menor intensidade. Será que a Internet como meio de comunicação de massas nasceu para libertar ou oprimir? Estes receios não estão apenas dependentes das intenções do comunicador, mas também das características do meio de comunicação. Num ponto, onde é possível chegar a um consenso generalizado e onde a grande maioria dos pensadores concorda, é no facto de os meios de comunicação de massas produzirem efeitos na sociedade.

Dos vários estudos realizados pelos investigadores sobre comunicação de massas existem alguns aspectos a ter em consideração tais como:

- A comunicação não atinge todos da mesma maneira, pois o público é diferente (características pessoais, cultura, crenças religiosas, etc);
- O *Paradigma de Lasswell*: uma forma adequada para desenvolver um acto de comunicação consiste em responder às seguintes questões: Quem – Diz o quê – Em que canal – A quem – Com que efeito? Este paradigma foi a primeira fórmula comunicacional, tendo sido adaptada e desenvolvida posteriormente. Este modelo é perfeito quando aplicado ao processo de propaganda;
- Os líderes de opinião são fundamentais na circulação das ideias entre os meios de comunicação de massas e a população;
- Na formação da opinião há influências mais poderosas do que a comunicação de massas. A imprensa, a rádio, a televisão (e por analogia a Internet) não actuam num vácuo social, mas numa rede complexa de relações sociais;

- Mensagens com os mesmos argumentos, mas atribuídas a fontes diferentes, registam de facto, uma maior mudança de opiniões se o comunicador for credível;
- As pessoas mais instruídas são mais passíveis de ser convencidas se a mensagem incluir os dois lados da questão. No caso das classes mais baixas, a mensagem é mais eficaz se apenas incluir um dos argumentos;
- As pessoas tendem a expor-se e a aceitar informações que estão de acordo com as suas opiniões, e a rejeitar ou deturpar as mensagens que colidam com as suas atitudes.

Serão os *media* manipuladores da opinião pública? Os novos estudos derrubam definitivamente o mito que transformava os meios de comunicação de massas em manipuladores supremos. As pessoas não só podem resistir às campanhas de persuasão, como de facto resistem (Santos, 2001). No entanto, um importante segmento da comunidade científica permanece desconfiado, continuando a atribuir aos meios de comunicação de massas uma forte acção e intenção manipuladora.

Nesta fase, é importante referir que a comunicação centrada na Internet, é um dos factores centrais na nova sociedade em rede, tendo um enorme impacto no seu funcionamento e nas suas características como se enunciará e demonstrará ao longo deste artigo.

O surgimento e utilização da Internet estão a provocar alterações substanciais nas práticas comunicacionais, nos meios de comunicação, nos conteúdos disponíveis, nos modelos de interactividade e ainda, nas opiniões que se vão formando socialmente sobre os diferentes *media* (Cardoso *et al.*, 2005). É com base nestas considerações gerais sobre comunicação e Internet que podemos salientar que esta, enquanto meio/processo de comunicação de massas, produz efeitos na sociedade. Ou seja, uma vez que a Internet é um factor de transformação social e das relações de poder, a questão está em determinar a amplitude desses efeitos e as suas características.

2. A INTERNET COMO FACTOR DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Na Internet existe uma transmissão codificada e integrada de som, imagem e texto, entre um emissor e um receptor, transmitindo de forma síncrona ou

assíncrona a mensagem. Como meio de comunicação está ligada à transmissão de informação, à aprendizagem, aos contactos sociais virtuais, ao consumo e ao entretenimento, podendo ser utilizada por todos os que dominem a sua linguagem e cultura de utilização.

Neste âmbito, importa descrever o modo como a revolução tecnológica, centrada nas tecnologias de informação e tendo como centro de gravidade a Internet, revolucionou de modo acelerado a economia global, o Estado e a Sociedade. Neste capítulo, enquadra-se a Internet na actual sociedade em rede, explorando as suas implicações e algumas das principais transformações sociais provocadas pela sua difusão, enunciando o enquadramento jurídico de tão rápidas, complexas e imprevisíveis mudanças.

2.1 A Sociedade em Rede

Até 1650 – 1750 podemos falar, tal como refere *Toffler (1984)*, numa primeira vaga, em que a civilização agrária dominava o planeta e o principal meio de comunicação era especialmente o serviço mensageiro.

Após esta fase, surgiu a revolução industrial, uma segunda vaga que “abalou” todas as instituições e modificou o modo de vida de milhões de pessoas e em que os principais meios de comunicação eram: correio, telefone e *mass media* (comunicação de um para muitos).

Actualmente a transição para a terceira vaga requer a criação de um sistema de informação altamente ramificado e aberto. Este sistema de informação espelha o suporte tecnológico comunicacional necessário para suporte da actual sociedade em rede.

Para abordar e caracterizar uma temática tão complexa como a da Sociedade em Rede e reflectir sobre as suas consequências, é inevitável chamar a atenção para os aspectos principais, que caracterizam a Internet, como factor de transformação social e das relações de poder. Segundo *Castell (2002, p.54)*, “ a convergência de todas as tecnologias electrónicas para o campo da comunicação interactiva conduziu à criação da Internet, talvez o meio tecnológico mais revolucionário da Era da Informação”.

No final dos anos 90, a Internet tornou-se no suporte tecnológico principal do novo tipo de empresa de comércio global, a empresa em rede, para além de ser o motor da nova economia global. Uma síntese acerca da indústria da Internet ajudar-nos-á a especificar os contornos da nova

economia. Em 1999, a indústria americana relacionada com a Internet podia ser classificada em quatro ramos de acordo com a tipologia proposta pela Universidade do *Texas*⁴, no seu relatório *on-line* de Outubro:

- O primeiro ramo compreende as empresas que fornecem a estrutura da Internet, isto é, as componentes de telecomunicações, *Internet Service Providers* (ISP's), as profissões fundamentais associadas à Internet, as empresas que fornecem os acessos finais e os produtores de equipamentos para os utilizadores de rede;
- O segundo ramo é formado pelas empresas que desenvolvem as aplicações para a Internet, isto é produtos de *software* e serviços para as transacções em rede. Este ramo inclui as empresas de consultoria e *design*, construção e manutenção de *websites*, incluindo os portais, os sites de comércio electrónico e os sites de áudio e vídeo;
- O terceiro ramo inclui um novo tipo de empresa: as empresas que não geram rendimentos directos das transacções comerciais, mas da publicidade, quotas de associados e comissões em trocas das quais fornecem serviços grátis na web. Algumas destas empresas são fornecedores de conteúdos na rede, outras são intermediárias de mercado. Incluem os *media*, as correctoras, revendedores, portais e outros intermediários;
- O quarto ramo representa o futuro da indústria da Internet, quando olhado desde 1999. São as empresas que conduzem as transacções em rede, tais como a *Amazon*, *E-Toys*, *Dell*, etc, com o seu tipo de comércio e que normalmente é chamado de comércio electrónico ou *e-commerce*.

Uma das principais consequências da transformação da economia, pelo aparecimento das redes de comunicação electrónica e a vasta utilização da Internet, foi a integração global dos mercados financeiros, o revolucionar do comércio electrónico entre as empresas, investidores e empresas, entre vendedores e compradores e, por fim, o próprio mercado das acções. Outra das consequências foi a desintermediação, com a remoção dos níveis intermédios dos processos de compra e venda, reduzindo os custos para o comprador e o vendedor.

⁴ *Austin Center for Research in Electronic Commerce.*

Uma das empresas pioneiras da organização empresarial em rede *on-line* foi a *Dell Computers*, que se tornou uma das líderes na indústria de computadores pessoais em virtude do seu modelo empresarial inovador, ou seja a *Dell* recebe os pedidos *on-line*, utilizando uma página *web* que permite aos clientes personalizar o seu produto, garantido simultaneamente a interactividade e flexibilidade na compra.

Outro modelo empresarial de economia baseada na Internet pode ser ilustrado pela *Cisco Systems*, no modelo de negócio global em rede que esta empresa se propõe desenvolver como expressão da sua organização e estratégia empresarial.

A *Cisco* aplicou a si própria o mesmo conceito que vendia aos seus clientes, fornecedores, sócios e empregados. Mercê de uma excelente engenharia (*design e software*), automatizou grande parte dos seus processos de interacção. Ao constituir uma rede de fornecedores *on-line*, a *Cisco* conseguiu reduzir ao máximo o custo da sua própria produção, tornando a sua página *Web* no próprio centro de operações.

A Internet permite de modo simples, que pequenas e médias empresas se conectem entre si em rede e simultaneamente com grandes empresas, construindo deste modo uma rede global. As pequenas e grandes empresas podem relacionar-se facilmente entre si e com os seus clientes de uma forma flexível e interactiva, consequência da utilização generalizada da Internet, Intranets e Extranets ⁵, apoiadas em redes de comunicações de débito elevado, baseadas fundamentalmente num conjunto de protocolos a que se dá o nome de TCP/IP ⁶.

Tal como referido anteriormente a Internet é a “coluna vertebral” da comunicação global efectuada por computadores. No entanto, a sua difusão é desigual, localizando-se a maior parte dos seus utilizadores nos países industrializados. Devido à grande assimetria existente entre os diversos países no que se refere à utilização da Internet, surgem grandes desigualdades sociais e económicas.

⁵ Entendemos Intranet como uma rede privada, dentro de uma instituição, que usa os mesmos protocolos, serviços e programas da Internet, mas para uso interno; Extranet como um conjunto de duas ou mais Intranets ligadas em rede. Geralmente, as Extranets são criadas tendo como base a infra-estrutura da Internet e servem para ligar parceiros de negócio numa cadeia de valor.

⁶ TCP: Transmission Control Protocol e IP: Internet Protocol.

Os consumidores da Internet, ao contrário da televisão e rádio, são ao mesmo tempo produtores de conteúdos, podendo consequentemente eles próprios moldar a rede.

Apesar da Internet cobrir todo o espectro da comunicação humana, da política à religião, do sexo à investigação, é o comércio electrónico que materializa actualmente um dos aspectos nucleares da Internet.

A banca electrónica está a impor-se aos clientes (*Castells, 2002*) e até a própria existência dos bancos tal como os conhecemos tende a mudar (*Toffler, 2001*), essencialmente em resultado da crescente utilização da Internet. O modelo de comunicação electrónica de “muitos-para-muitos” representado pela comunicação que se desenvolve através de uma rede de computadores, não substitui outros meios de comunicação, mas reforça seguramente os existentes e permite expandir o alcance das redes sociais facilitando desta forma o desenvolvimento de uma interacção mais activa.

2.2 Um Novo *Media*

Segundo teóricos e historiadores das relações internacionais, os Estados relacionam-se tradicionalmente em quatro grandes dimensões: a primeira é a da diplomacia, a segunda é a da economia, a terceira é a militar e a quarta é a actividade de *intelligence*, que inclui a dimensão psicológica e informativa, sendo nesta dimensão que os *media* assumem particular relevo conforme refere *Pereira*: “[...] aos órgãos de informação tradicionais juntam-se já novos *media* ⁷, como a Internet e outros veículos capazes de levar instantaneamente a informação e imagens de vídeo a todo o mundo. Qualquer acontecimento político ou operação militar fica, assim, virtualmente condenada a uma exposição mediática instantânea e global” (2005, p. 102).

A prova da importância da Internet como novo *media*, fonte de informação alternativa, onde se cruzam informações de diversas origens, foi a crise do Kosovo à qual se chamou “*The War of the Web*” e também na guerra do

⁷ “Os novos *media* não são apenas novos pelas suas características tecnológicas, mas a novidade também lhes advém da mudança que induzem ou catalisam através da sua difusão e utilização [...]. Os novos *media* podem assim ser apelidados pois são *media* por serem mediadores da comunicação e introduzem novidade porque incorporam novas dimensões tecnológicas, combinam sobre uma mesma plataforma tecnológica, dimensões de comunicação interpessoal e mass media, porque são indutores de mudança organizacional e de novas formas de gestão de tempo, porque procuram novas audiências e ferramentas de reconstrução social” (*Gustavo, 2003, p. 42*).

Iraque a *Net* teve um papel fundamental, especialmente através dos *webblogs*. Existem alguns conceitos que interessa referir, para mais facilmente se entender as implicações da Internet enquanto novo *media*, dos quais se salientam os *Portais*⁸ actuando como *gatekeepers*⁹ (*Internet Gatekeeping*) e o conceito de *Agenda-Setting*¹⁰.

O acesso à informação disponível na Internet, nomeadamente, através dos motores de busca e Portais, não obedece a critérios de interesse público como as bibliotecas, mas a interesses comerciais das empresas que os gerem.

A objectividade e qualidade da informação disponível, especialmente quando o instrumento do poder está na posse de grupos económicos, como é o caso dos Portais da Internet, pode levar a aplicação de “filtros” distorcendo a representação da realidade, sendo necessária cada vez mais uma acção permanentemente crítica e dedutiva sobre a mesma informação.

Actualmente existe uma estratégia comercial no papel dos Portais, deixando de ser apenas motores ou directórios de informação e passando a ter um enorme valor comercial face à quantidade de utilizadores que neles circula. Os Portais não possuem mecanismos de validação da veracidade da informação aí contida, mas apenas uma validação de carácter temático. Na Internet tem menor importância o *agenda-setting*, conceito que fundamentalmente determina que os meios de comunicação de massas, pelo simples facto de prestarem atenção a certos acontecimentos e ignorarem outros, produzem efeitos sobre as pessoas que os consomem, ou seja, determinam quais são os temas importantes da actualidade.

Não é possível dizer ao público como deve pensar, nem quais as questões da actualidade sobre as quais é importante ter uma opinião mas a percepção da realidade pode ser condicionada em virtude dos temas surgirem livremente na Internet, sem possibilidade de controlo.

⁸ Entendemos como Portal, um site na Internet que funciona como centro aglomerador e distribuidor de tráfego para uma série de outros sites ou subsites dentro, e também fora, do domínio ou subdomínio da empresa gestora do portal. Na sua estrutura mais comum, os portais constam de um motor de busca, um conjunto, por vezes considerável, de áreas subordinadas com conteúdos próprios, uma área de notícias, um ou mais fóruns e outros serviços de geração de comunidades e um directório, podendo incluir ainda outros tipos de conteúdos.

⁹ Gatekeepers na medida em que “guardam/vigiam” o que pode ou não ser disponibilizado nesses sites.

¹⁰ Entendemos como Agenda-Setting a hipótese que defende que os meios de comunicação é que escolhem os temas sobre os quais se fala e se discute, assim como sua importância.

Na Internet existe uma grande quantidade de informação, sendo necessário utilizar auxiliares de pesquisa e, conseqüentemente, aplicar filtros de informação com qualidade.

Em virtude da não existência de uma entidade que funcione como provedor e assegure a qualidade da informação, deverá ser o próprio utilizador a aceitá-la em função da sua experiência, do uso da lógica ou da percepção da sua credibilidade, utilizando para o efeito as suas convicções e analisando a credibilidade das fontes. Em suma, passa para o utilizador a responsabilidade de credibilização e aceitação da informação.

Surge simultaneamente a percepção nas pessoas que esta sociedade em rede evolui a ritmo acelerado, provocando uma massa humana de info-excluídos por desadequação em relação ao uso da tecnologia ou por dificuldades em acompanhar uma mudança constante e vertiginosa.

A Internet cria assim desigualdades na capacidade de lidar com os fluxos de informação que nela circulam, criando diversos grupos dos quais salientamos: os excluídos do acesso à informação, os incapazes de lidar com a quantidade de informação e por fim os que têm a capacidade de utilizar mecanismos de selecção e tratamento dessa informação de forma a conseguirem produzir conhecimento.

Apesar de o seu acesso ser livre e democrático a questão que a seguir se coloca é: Será a Internet um meio vigiado? A utilização dos sistemas *Carnivore* ou do *Echelon*¹¹ demonstra a vigilância deste meio, colocando em risco direitos de privacidade.

No caso Português, os estudos (Cardoso *et al*, 2005) parecem indicar que a comunicação mediada por computador deve ser vista como um espaço de complementaridade relativamente a outras formas de comunicação que não se esgota em si, e é vista como um meio em vez de um fim. O seu impacto nas práticas comunicativas dos portugueses, não é de substituição da utilização dos *media* tradicionais pelo uso

¹¹ Carnivore: Sistema de controlo de emails do FBI, implementado para monitorizar os de supostos criminosos. Echelon: Este projecto tem como principal objectivo interceptar todas as comunicações mundiais em quaisquer locais do Planeta, sejam essas conversas telefónicas, faxes, e-mails, ou qualquer outra modalidade de comunicação. Este sistema “filtra” palavras ou grupos de palavras que possam indicar algum perigo à segurança nacional dos EUA.

desta nova plataforma tecnológica, mas assume-se como principal meio de informação e comunicação no limiar do século XXI.

2.3 A Internet e a Sociedade

A Internet adquire na sociedade em rede um papel adicional enquanto suporte de informação e meio de comunicação, juntando-se aos que já existem e “Tal como qualquer outro meio de comunicação, a Internet introduz uma nova dialéctica de concessão de poder e de privação de poder nas relações sociais” (*Slevin, 2000, p. 22*). Esta observação, levanta um certo número de perguntas cruciais que são relevantes para todos aqueles que estudam e usam a Internet e que se podem sintetizar em algumas questões formuladas por *Slevin (2000)*:

- Até que ponto poderá a Internet facilitar o progresso das relações “inteligentes” entre organizações, grupos e indivíduos, ordenadas através do diálogo e não através dos padrões existentes de domínio?
- Como poderá a Internet permitir que organizações, grupos e indivíduos façam com que as coisas aconteçam em vez de deixar que as coisas lhes aconteçam, no contexto de objectivos sociais globais?
- De que forma poderá a Internet proporcionar a base de novas formas de solidariedade, reunindo organizações, grupos e indivíduos que estavam até agora muito afastados, geográfica e socialmente, e de que maneira poderá ela contribuir para a produção de novas formas de desintegração social?
- De que maneira poderá a Internet criar novas maneiras de limitar as consequências devastadoras de novas incertezas na vida moderna, por exemplo decorrentes de novas áreas de violência e conflito em rede? A Internet permite que o caminho das pessoas se cruze com o de outras cujos pontos de vista e interesses podem diferir dos seus. A violência em rede pode envolver por exemplo maus-tratos verbais, a difusão de vírus informáticos, a pirataria informática, etc.

Se inicialmente existiu uma visão utópica (1995 a 2000) quanto à mudança que a Internet traria às nossas sociedades, actualmente as grandes temáticas negativas lançadas na discussão pública são: a pornografia (e mais recentemente a pedofilia), vício na utilização e isolamento social, as

transacções comerciais e insegurança de dados e mais recentemente a criação de “novas formas” de guerra (Guerra de Informação), da qual os aspectos mais visíveis são o ciberterrorismo e a cibercriminalidade. Como factores positivos de transformação social realizados pela Internet, salientamos na nossa perspectiva os seguintes:

- Permite a produção individualizada de informação e constitui uma excelente ferramenta de trabalho colaborativa, tendo um papel fundamental na educação, em particular na aprendizagem electrónica (*e – learning*);
- Permite a comunicação com uma vasta e diversificada audiência;
- Possibilita novas formas de organização da produção nas empresas, de gestão do conhecimento e de inovação na gestão da mudança;
- Surge uma nova economia baseada no comércio electrónico, revolucionando as concepções de «documento» e «registo», abrindo caminho para a utilização da “factura” e da “assinatura electrónica”;
- Surge uma democracia electrónica, com os seus três tipos: teledemocracia, ciberdemocracia e democratização electrónica ¹².

Em conclusão, podemos referir que a Internet afecta organizações, processos políticos, o comércio global e o dia-a-dia das pessoas. No entanto, não devemos esquecer algumas das suas limitações, das quais salientamos:

- Na Internet existem várias visões públicas dos acontecimentos passados e não é fácil saber qual escolher?
- Não resolve o problema de fazer perdurar a comunicação no tempo, levando também ela ao esquecimento;
- Acentua uma desigualdade no acesso à informação e promove uma linguagem franca dominante para comunicar: o Inglês;

Um dos melhores exemplos do impacto social associado à Internet, foi o papel por ela desempenhado no conflito de Timor, ao estabelecer redes de apoio internacional que permitiram pressionar directamente e de várias formas os principais intervenientes no conflito: Indonésia, Conselho de Segurança das Nações Unidas e Estados Unidos da América.

¹² Hagen, Martin (1997). A Typology of Electronic Democracy.

Internet: [http:// www.uni-giessen.de/fb03/vinci/labore/netz/hag_en.htm](http://www.uni-giessen.de/fb03/vinci/labore/netz/hag_en.htm) (04 de Janeiro de 2005).

Devido às mudanças sociais operadas pela Internet surge um “Direito Digital”, que procura efectuar o enquadramento jurídico das alterações por esta provocadas, fundamentalmente em três grandes áreas: a Privacidade dos Cidadãos, o Comércio Electrónico e os Direitos de Autor.

No que se refere à privacidade dos cidadãos, esta levou em Portugal ao surgimento da Lei de Protecção de Dados Pessoais¹³ e a uma acção de permanente pedagogia da Comissão Nacional de Protecção de Dados Pessoais.

Actualmente, existem na área da privacidade dos cidadãos, alguns tópicos, dos quais se salientam os seguintes pela sua importância e actualidade:

- A confidencialidade do conteúdo das comunicações (ex. análise de mails);
- Privacidade no local de trabalho (ex. vídeo vigilância);
- Tratamento de dados pessoais (ex. recolha de dados via *Web*);
- Direito à privacidade e ao anonimato;
- Direito de controlar o registo e difusão dos seus dados pessoais.

A área do comércio electrónico levanta desafios complexos para a protecção de dados pessoais. Devido à possibilidade de dados pessoais poderem circular sem condições de segurança, correndo o risco de serem vistos e utilizados por terceiros não autorizados, motivou alterações jurídicas e simultaneamente novos desenvolvimentos tecnológicos em áreas como a criptografia (algoritmos de criptografia simétrica e assimétrica), os certificados digitais ou outras medidas de segurança no acesso a dados pessoais.

As redes electrónicas abertas, como a Internet, têm assumido uma importância crescente na vida quotidiana dos cidadãos e dos agentes económicos, proporcionando uma teia de relações comerciais globais. Para aproveitar da melhor forma estas oportunidades, urge criar um ambiente seguro para a autenticação electrónica.

¹³ Lei n.º 67 / 98 de 26 de Outubro.

Na realidade, as comunicações e o comércio electrónico exigem assinaturas electrónicas e serviços a elas associados que permitam a autenticação electrónica dos dados ¹⁴.

Face às ameaças à segurança, surge consequentemente a necessidade de garantir um conjunto de propriedades de segurança da informação, das quais se salientam: a confidencialidade, a integridade, a disponibilidade, a autenticação e o não – repúdio.

3. TRANSFORMAÇÃO DAS RELAÇÕES DE PODER

As tecnologias de informação e da comunicação, bem como a revolução digital, fizeram entrar a sociedade numa nova era, cujas principais características são o transporte instantâneo de dados e a proliferação de redes electrónicas, constituindo a Internet o suporte desta mudança em curso.

3.1 Guerra de Informação

A informação actualmente é um recurso vital para os Estados, tornando-se as redes de transmissão da informação (telecomunicações, satélites, internet, televisão), a “ chave do poder ” (*Boniface, 2002, p. 115*) tanto para os Estados, como para as Empresas.

Uma das possíveis definições de Guerra de Informação pode ser obtida do *FM 100-6 (1996)*, como “um conjunto de acções destinadas a preservar os nossos Sistemas de Informação da exploração, corrupção ou destruição, enquanto simultaneamente se explora, corrompe ou destrói os Sistemas de Informação de um Adversário/Inimigo”.

A Guerra Informática propriamente dita é, sem dúvida, a forma mais recente da Guerra de Informação, tendo como objectivo destruir, paralisar ou ganhar o controlo dos sistemas informáticos inimigos por meio de computadores ou de programas informáticos.

A Internet permite a globalização das empresas, favorecendo os intercâmbios e a produção de riqueza, mas simultaneamente introduz

¹⁴ O Decreto – Lei n.º 290 – D / 1999, DR n.º 178, I Série A de 2 de Agosto aprova o regime jurídico dos documentos electrónicos e da assinatura digital. O garantir da segurança utilizando as assinaturas digitais e certificados digitais, com o respectivo enquadramento legal no panorama nacional, satisfaz os desejos do comerciante e do comprador nos negócios na internet.

novas vulnerabilidade, que podem ser exploradas por actores mal intencionados. Efectivamente, os sistemas de informação organizacionais, ligados com a «rede das redes», possibilitam uma troca de fluxos de informação que são susceptíveis de ser interceptados, manipulados ou destruídos (*Boniface, 2002*).

Ainda que esta infra-estrutura global constitua o elemento estruturante da Sociedade da Informação, as ameaças aos sistemas de informação empresariais e militares surgem de governos estrangeiros, *hackers* e organizações criminosas via Internet (*Nunes, 1999*).

Na realidade a Internet “derrubou fronteiras” constituindo hoje o melhor suporte para desenvolver acções de Guerra de Informação. A fronteira dos interesses nacionais num ambiente aberto e virtual como é o ciberespaço é difícil de definir, confundindo por vezes os decisores políticos face à rápida evolução tecnológica e a elevada incerteza que caracterizam o ciberespaço (*Nunes, 1999*).

Surge assim a Internet como meio de comunicação de massas, associado às várias formas de Guerra de Informação:

- Guerra Psicológica (desinformação, manipulação e propaganda);
- Guerra Electrónica (destruição de redes);
- E a recente Guerra Informática, com perigos reais de intrusão e “destruição” de sistemas informáticos, utilizando ferramentas acessíveis à distância de um *click* e que um simples curioso pode utilizar.

Alguns autores (*Nunes, 1999*) consideram que o planeamento de acções de Guerra de Informação defensivas e ofensivas, na era da economia digital, não se poderá limitar aos sistemas exclusivamente militares. As tecnologias e infra-estruturas de informação nacional que suportam as actividades de governo electrónico (*e-Government*) e comércio electrónico (*e-Commerce*) apresentam hoje uma elevada vulnerabilidade.

3.2 Ciberterrorismo e Cibercriminalidade

Os trágicos atentados do *World Trade Center* em 2001 e os ocorridos em Londres em 2005 voltaram a trazer à luz da ribalta a figura do terrorismo internacional, com um impacto psicológico enorme. Mais recentemente, o terrorismo modernizou-se, passando a utilizar meios mais desenvolvidos

que lhe permitem ser mais eficaz. Beneficia de fundos importantes, quer através de diversas actividades (branqueamento de dinheiro, tráfegos de toda a espécie, etc.), quer pelo apoio de Estados que financiam determinados atentados.

Em poucos anos, o terrorismo informático (ciberterrorismo) tornou-se uma das principais fontes de preocupação para os responsáveis políticos e militares ocidentais, nomeadamente para os Estados Unidos da América. Os “inimigos” de um Estado estenderam os seus campos de batalha do espaço físico para o ciberespaço e se não se tomarem as medidas que se impõem, os terroristas, criminosos e regimes hostis podem actualmente estar em condições de invadir e de paralisar sistemas vitais, de perturbar a actividade comercial e de fragilizar a capacidade do Estado na reacção a períodos de crise.

Um ataque planeado contra as redes de transmissão de informação, via Internet, pode actualmente provocar uma catástrofe destruindo os sistemas informáticos dos bancos e das bolsas (interrupção das transacções financeiras), dos aeroportos e do controlo aéreo (risco de colisão), dos serviços de socorro ou das luzes de sinalização das grandes cidades (acidentes e paralisia do trânsito), entre outros.

A Internet é a nova base de operações da *Al-Qaeda e Jihad*, oferecendo aos grupos radicais o terreno perfeito para doutrinar ou recrutar os seus elementos e toda a informação para planear ou executar qualquer tipo de ataques. Como refere *Garcia (2003)*, a situação mais perigosa, é aquela em que o terrorismo não está directamente ligado a um ou mais Estados, mas a sua configuração tem como suporte organizações autonomizadas, cuja trajectória político – operacional é uma incógnita. Neste tipo de Guerra, os meios são relativamente limitados (*Boniface, 2002*): alguns especialistas em informática, computadores e programas sofisticados. A simplicidade, surpresa, rapidez, invisibilidade e eficácia das operações são as condições essenciais exploradas pelas associações terroristas, na condução das suas operações.

Para respeitar estas condições nada melhor que recorrer a tudo o que se relacione com as novas tecnologias e, uma vez mais, surge a Internet: possui alta velocidade, garantia de anonimato (ex. cifra de mensagens), simples (ex. uso do correio electrónico), é invisível (é possível executar uma acção por intermédio de outros) e eficácia (barata e global).

Aproveitando o ciberespaço, a cibercriminalidade tanto assenta no acesso indevido a sistemas computadorizados, para obter informações, como no uso do computador e das redes virtuais para a obtenção do lucro ilegal. Na cibercriminalidade, a burla informática nas telecomunicações, é actualmente a terceira tipologia de crime económico e financeiro em Portugal (*Morgado, 2003*), prejudicando terceiros directamente ou indirectamente por fraudes para com o Estado Português. Alguns dos cibercrimes mais usuais em Portugal são:

- Cobrar indevidamente quantias pela falsa prestação de serviços de valor acrescentado;
- Apropriação, também através de programas informáticos, de uma linha, que é utilizada para chamadas internacionais;
- Intrusão em redes sensíveis, como das empresas emissoras de cartões de crédito, com o objectivo de obter números dos referidos cartões, depois usados para a aquisição de bens e produtos.

A pornografia infantil e a sua exploração comercial através da *Web*, é também um dos crimes que mais preocupa a justiça em todo o mundo, devido à dimensão que o negócio atingiu e aos elevados lucros que gera. Actualmente, estes dois “*ciber*” (terrorismo e criminalidade) tendo como suporte tecnológico a Internet, poderão ser a origem e suporte de acções destabilizadoras no principal actor das relações internacionais: o Estado.

3.3 Estratégia Empresarial

As principais características das organizações da segunda vaga (era industrial) são: a permanência (reconhecimento de que o laço entre o homem e a organização duraria no tempo), a hierarquia e a compartimentação do trabalho, sendo estas características que moldaram e moldam os seres humanos que povoam as organizações. Mas, do ponto de vista de *Toffler (1970)* as *ad – hocracias* embrionárias de hoje, requerem rapidez de movimento, riqueza informativa, indivíduos de extrema mobilidade e com uma constelação completamente diferente de características humanas.

Muitas Empresas bem sucedidas são aquelas que usam a Internet como um complemento dos meios tradicionais de competir, para além de que a Internet criou alguns novos modelos de negócio, como os leilões *on – line* e os mercados digitais. Como plataforma aberta, com padrões

comuns, as Empresas podem aumentar os seus benefícios com muito menos investimento que aqueles que eram necessários prever tradicionalmente em anteriores gerações de tecnologia de informação. Na realidade, o que surgiu da interacção entre a Internet e o mundo empresarial foi um novo panorama económico, onde os negócios electrónicos ocupam um papel central e em que as empresas ao utilizarem a Internet como meio fundamental de comunicação e processamento da informação, adoptam a rede como a sua estrutura organizativa de forma a fomentarem práticas laborais flexíveis (Castells, 2002).

Para o desenvolvimento de uma *e-economia* baseada na informação, no conhecimento, na inovação e nas percepções, existe a necessidade de uma base tecnológica de suporte como a Internet, em mutação constante e onde quanto mais nós houver na rede, maior é o benefício que a rede assume para cada nó individual. Facilitando e aumentando a velocidade de informação em tempo real, a Internet permite obter melhoramentos ao longo de toda a cadeia de valor em quase todas as empresas e sectores de actividade. Actualmente, pela sua facilidade de acesso e utilização, a Internet é sem dúvida o principal meio para realizar um “trabalho de investigação” em Competitive Intelligence¹⁵. No entanto, esta facilidade de acesso leva a que muitas vezes o analista esqueça alguns dos factos relacionados com a sua exploração operacional e que não devem ser considerados menos importantes (Taborda e Ferreira, 2002):

- É fácil aceder, por isso é também fácil aos outros fazerem-no;
- Nem sempre é perceptível a fonte da informação responsável pela sua colocação na Internet. Será credível? Será a informação credível?
- Se os objectivos da investigação não se encontram bem definidos, o trabalho dispersa-se, a informação encontrada parece infinita e as perdas no tempo e recursos gastos significativos;
- A informação recolhida em páginas na Internet é informação oriunda de uma fonte secundária¹⁶, tendo por isso um valor associado finito.

¹⁵ Processo sistemático e ético de reunião, análise e gestão da informação, que pode afectar o planeamento, as decisões e as operações de uma organização (Taborda e Ferreira, 2002).

¹⁶ As fontes secundárias têm como função principal despoletar o processo de obtenção de informações e dados a partir dos quais se pode contactar as fontes primárias. Apesar de contribuírem apenas em 10% para o valor final da análise, não deixam de desempenhar um papel catalisador no trabalho de investigação em Competitive Intelligence.

Na realidade, o trabalho a realizar deve ser bem definido e os próprios analistas e decisores devem conhecer com rigor de que forma a Internet os pode ajudar em termos do trabalho de Competitive Intelligence e essencialmente de que forma esta poderá apoiar a formulação de uma estratégia empresarial consistente.

Os benefícios em recorrer à Internet, enquanto ferramenta de Competitive Intelligence, manifestam-se a três níveis:

- Redução significativa no tempo consumido na pesquisa de dados ou informação;
- Redução de custos, em virtude da possibilidade de encontrar cada vez mais bibliotecas virtuais e publicações em formato electrónico grátis, ao mesmo tempo que existe uma diminuição do custo de comunicações;
- A quantidade de informação disponível poderá proporcionar um maior detalhe na recolha e análise do tema em estudo.

As organizações como “entidades complexas” integradas numa sociedade em rede, na sua maioria funcionam com base em processos formais ou *ad-hoc*, apoiados em fluxos de informação, manuseados por pessoas e suportados numa infra-estrutura tecnológica ligada à Internet, conseqüentemente face à Guerra de Informação/*Competitive Intelligence*, existe a necessidade de uma eficaz segurança da informação, baseada numa análise rigorosa dos sistemas que interagem com as organizações, de forma a identificar as ameaças a que está sujeita.

4. CONCLUSÕES

Neste artigo, foi possível constatar que a Internet é um novo *media* complexo, que contribui para a comunicação e integração de vários canais de comunicação convencionais, incluindo a rádio e televisão, numa rede interactiva e global. Não é apenas uma tecnologia, mas é um meio de comunicação e constitui a infra-estrutura material de uma forma organizativa concreta: a rede com todas as vantagens e desvantagens daí resultantes.

Como meio de comunicação de massas produz efeitos na sociedade, ou seja, é um factor de transformação social e das relações de poder, transformando e simultaneamente sendo ela própria transformada pelas sociedades modernas, pelas organizações e pelos indivíduos.

A Internet permite que estes actores façam com que as coisas aconteçam, permitindo que cada indivíduo tenha “voz activa” e possa criar a base de novas formas de solidariedade e cooperação.

Facilita o desenvolvimento das relações inteligentes entre organizações, grupos e indivíduos, bastando para tal reflectir sobre as novas empresas digitais e sobre os princípios estruturais que facilitam a sua plena integração na Internet e que favorecem a globalização.

Com a difusão da Internet, o Estado como actor principal das relações internacionais, está cada vez mais exposto a novas fontes de poder que são muitas vezes indefinidas e indefiníveis: são redes de capital, cibercriminalidade, ciberterrorismo, instituições internacionais, aparelhos militares supranacionais, organizações não governamentais, movimentos de opinião pública e a guerra de informação.

Internamente, o Estado é confrontado com a possibilidade das suas acções e políticas poderem ser criticadas e postas em causa pelos cidadãos. Tendo os Governos tornado clara a sua intenção de usar a Internet, com o objectivo de aproximar o acto de governar dos seus concidadãos, este será certamente um dos factores a ter em conta.

A Internet e a sociedade evoluem paralelamente e conseqüentemente a centralidade da Internet em muitas áreas da actividade social, económica e política converte-se em marginalidade para aqueles que não têm um acesso à Rede, assim como para aqueles que não são capazes de tirar partido dela.

A Internet é sem dúvida a base tecnológica do comércio electrónico, que vai influenciar o mercado de variadas formas. Para as Empresas, utilizar a Internet significa explorar novas áreas de negócio, novos produtos e serviços. Conseqüentemente o enquadramento legal para o comércio electrónico surge como um factor normalizador de inquestionável utilidade.

É fundamental ter noção das estatísticas relacionadas com a utilização da Internet em cada sociedade, permitindo deste modo entender e prespctivar o nível de desenvolvimento da sociedade em rede em cada País.

Em Portugal (*Cardoso et al, 2005*) a quantidade de utilizadores e o número/ tipo de ligações, como indicadores do desenvolvimento da sociedade em rede capaz de gerar riqueza, cultura e conhecimento, permite-nos obter uma perspectiva da evolução verificada segundo diversos modelos de desenvolvimento.

Segundo os dados recolhidos, é possível enquadrar Portugal como um País que se encontra num processo de transição de uma sociedade industrial para uma sociedade em rede.

A ligação entre a Internet e as redes sociais, demonstra que no caso Português a Internet surge como um potenciador dos contactos à escala global, que não afecta negativamente as sociabilidades e que os argumentos acerca dos perigos de isolamento social, depressão e desestruturação familiar devido ao seu uso, não fazem sentido (Cardoso *e tal*, 2005).

Na realidade, a Internet não efectua uma mudança das pessoas, nas suas necessidades, interesses e valores, mas são as pessoas que usam a Internet, adaptando essa mesma tecnologia. De acordo com esta visão é possível constatar que esta plataforma tecnológica é o principal meio de informação e comunicação da actual sociedade em rede. A sua conectividade global, associada aos custos de comunicação cada vez mais reduzidos, bem como à sua flexibilidade, interactividade e personalização, leva a suportar cada vez mais a forma como vivemos e trabalhamos.

É de prever que a Internet evolua da utilização directa pela acção do ser humano, para uma crescente utilização indirecta através de agentes de software (WEB 3.0), onde a tomada de decisão humana ficará cada vez mais oculta e mais dependente de eventos pré-programados (Toffler, 2001).

Para além das grandes vantagens e benefícios sociais, a exploração da Internet exige uma atitude responsável por parte dos Estados e dos próprios indivíduos, sob pena de as novas ameaças explorarem vulnerabilidades deste meio aberto de interacção e poderem pôr em risco a própria Segurança e Defesa Nacional.

BIBLIOGRAFIA

- BONIFACE, Pascal (2002). *Guerras do Amanhã*, Editorial Inquérito, Lisboa.
- CARDOSO, Gustavo (2003). *Internet*, 1.ª Edição, Editora Quimera, Lisboa.
- CARDOSO, Gustavo et al (2005). *A Sociedade em Rede em Portugal*, Campo das Letras, Lisboa.
- CASTELLS, Manuel (2002). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, Volume I, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- CASTELLS, Manuel (2004). *A Galáxia Internet*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- GARCIA, Proença (2003). “Tipologias de Guerra”, in Vários, *Revista Militar*, n.º 5, p. 1103-1130.
- MORGADO, Maria José e VEGAR, José (2003). *O Inimigo Sem Rosto – Fraude e Corrupção em Portugal*, 1.ª Edição, Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- NUNES, Paulo Viegas (1999). “Impacto das Novas Tecnologias no Meio Militar: A Guerra de Informação”, in Vários, *Revista Militar*, p. 1721-1745.
- PEREIRA, Carlos Santos (2005). *Guerras da Informação*, Tribuna, Lisboa.
- RAMONET, Ignacio (2002). *Guerras do Século XXI*, Campo das Letras, Lisboa.
- SANTOS, José Rodrigues dos (2001). *Comunicação*, Prefácio, Lisboa.
- SLEVIN, James (2000). *Internet e Sociedade*, Temas e Debates, Lisboa.
- TABORDA, João Pedro e FERREIRA, Miguel Duarte (2002). *Competitive Intelligence – Conceitos, Práticas e Benefícios*, 1.ª Edição, Editora Pergaminho, Lisboa.
- TOFFLER, Alvin (1970). *Choque do Futuro*, Livros do Brasil, Lisboa.
- TOFFLER, Alvin (1984). *A Terceira Vaga*, Livros do Brasil, Lisboa.
- TOFFLER, Alvin (2001). *Os Novos Poderes*, Livros do Brasil, Lisboa.